

ARQUEOLOGIA 3.0

I. DA ESCAVAÇÃO AO 3D.
GESTÃO, INOVAÇÃO
E DIVULGAÇÃO
EM ARQUEOLOGIA

COMISSÃO CIENTÍFICA

André Carneiro
António Candeias
Carlos Fabião
Maria de Jesus Monge

COORDENAÇÃO

Mónica Rolo

APOIO TÉCNICO

Carlo Bottaini, HERCULES/ CIDEHUS - UÉ
João José Bilro, MBCB

TEXTOS

Álvaro Rodríguez Miranda
André Carneiro
Carina Maurício
Daniela Anselmo
Desiderio Vaquerizo Gil
Elsa Murta
Guillermo Kurtz
Jorge António
José Manuel Valle Melón
Leonor Rocha
Lília Esteves
Margarida Santos
Mónica Rolo
Nova Barrero Martín
Paula Monteiro
Vanessa Dias

Castelo de Vila Viçosa, 6 e 7 de Abril de 2017

Concepção gráfica, impressão e acabamento: Rui Belo, Lda.

EDIÇÃO

© Fundação da Casa de Bragança

Depósito Legal: 442954/18
ISBN: 978-972-9195-49-5

Índice

- 7** **André Carneiro**
Introdução
- 13** **José Manuel Valle Melón**
Álvaro Rodríguez Miranda
(Universidad del País Vasco – UPV/EHU)
Estrategias para la preservación y difusión de la información digital sobre el patrimonio.
- 25** **Carina Maurício** (Fundação Cidade da Ammaia)
Conservação e restauro do espólio arqueológico da Cidade Romana de Ammaia.
- 35** **Desiderio Vaquerizo Gil** (Universidad de Córdoba)
Do registo arqueológico à sociedade do conhecimento... Novos meios de desenvolvimento profissional em Arqueologia.
- 71** **Elsa Murta** (Divisão do Laboratório José de Figueiredo – DGPC)
Máscara Funerária (N.º Inv. E 134)
- 85** **Guillermo S. Kurtz** (Museo Arqueológico Provincial de Badajoz)
Materiales arqueológicos: de la tierra a la vitrina. Gestión de piezas en el Museo Arqueológico Provincial de Badajoz.
- 95** **Jorge António** (Câmara Municipal de Alter do Chão)
Alter do Chão. Recuperação, valorização e promoção de património arqueológico.
- 109** **Leonor Rocha** (Universidade de Évora)
Daniela Anselmo
Os museus no séc. XXI: como enfrentar os novos desafios e os novos públicos?
- 125** **Lília Esteves** (Divisão do Laboratório José de Figueiredo – DGPC)
A biologia no estudo material, biodeterioração e conservação preventiva das colecções do Museu Nacional de Arqueologia.
- 135** **Margarida Santos** (Museu Nacional de Arqueologia)
Museu Nacional de Arqueologia – Conhecer e conservar para divulgar.
- 145** **Mónica Rolo** (UNIARQ – Universidade de Lisboa)
O passado e o presente da Colecção de Arqueologia do Museu-Biblioteca da Casa de Bragança.
- 161** **Nova Barrero Martín** (Museo Nacional de Arte Romano)
Comunicar en el museo. El caso del Museo Nacional de Arte Romano (Mérida, España).
- 173** **Paula Monteiro** (Divisão do Laboratório José de Figueiredo – DGPC)
Múmia de Falcão – Intervenção de Conservação.
- 195** **Vanessa Dias** (Associação de Arqueologia da Amadora – ARQA)
Para lá do caco...a valorização do espólio arqueológico após a escavação

Os museus no séc. XXI: como enfrentar os novos desafios e os novos públicos?

Leonor Rocha¹
Daniela Anselmo²

RESUMO

A recente criação de um novo museu no concelho de Mora (Portugal), único a nível nacional dedicado ao megalitismo, constitui não só uma mais-valia para este concelho mas, também, para a Arqueologia portuguesa, nomeadamente em relação à divulgação de sítios e espólios recentes da Pré-História.

Palavras-chave: Mora; divulgação; gestão patrimonial; museus

ABSTRACT

The recent creation of a new museum at Mora municipality, the only known in Portugal dedicated exclusively to Megaliths, constitutes as well as a benefit to the municipality but also to the Portuguese Archaeology when concerning public awareness of Recent Prehistoric sites and archaeological materials.

Keywords: Mora; communication; patrimonial management; museum

1 Universidade de Évora/ Escola de Ciências Sociais. Investigadora do CEAACP.

2 Mestranda - 2º Ciclo de Arqueologia e Ambiente. Universidade de Évora.

1. Criação de museus: o ponto de partida

A criação de um novo Museu tem de obedecer, atualmente, a um grande conjunto de regras que incidem desde as questões burocráticas, financeiras, procedimentos concursais, projetos de arquitetura até chegar ao cerne, à ideia inicial: o tema e objetivo da nova unidade museológica.

De fato, apesar da definição do conteúdo geral do museu ser, no caso dos que se estão a criar/construir de novo, a base de todo o processo, muitas vezes estas têm de se adaptar e/ou remodelar em momentos seguintes devido a constrangimentos de vários tipos que podem ser mais ou menos positivos.

Os museus tradicionais (e mais antigos) existentes em Portugal expõem objetos, das mais diversas categorias e cronologias: espólios arqueológicos, quadros, esculturas, objetos etnográficos, etc, etc, muitas vezes de forma caótica, algo desordenada (privilegiava-se o número, em detrimento da qualidade), em vitrines antigas (algumas delas já suscetíveis de integrarem um Museu sobre os museus), com pouca informação, iluminação, controle das condições expositivas... em suma, museus que foram importantes à data da sua criação mas que, por fatores vários, acabaram por ficar cristalizados no tempo.

TEMPO, este é, sem dúvida, a grande alteração de paradigma que temos vindo a assistir nas últimas décadas, em quase todos os domínios científicos: a vivência não de um tempo, mais ou menos longo, em que quase tudo se podia manter igual durante um largo período, sem que ninguém se cansasse, para se passar a um tempo frenético, em que tudo dura (ou deve durar) muito pouco, para não se perder o interesse.

Naturalmente que esta nova conceção é incompatível com as visões mais tradicionais, sobretudo no que se refere aos museus. Cada vez mais os novos públicos procuram novidades, movimento e menos extensas e entediadas exposições, documentadas por longos textos que, apesar de poderem ser muito didáticos, já não são lidos...

2. Porquê em Mora?

Nos últimos tempos tem surgido, por vezes, esta questão: porquê em Mora? Bem, esta questão tem, à partida, uma ideia que se parece cada vez mais enraizar na população, a de que os grandes investimentos, grandes obras, grandes museus, estão concentrados nas grandes cidades (já para não dizermos, no litoral...). Nesta perspetiva Mora contrariou a tendência nacional ao inovar (e arriscar) na criação, primeiro, de um Fluviário (único no país) e, agora, de um Museu dedicado ao Megalitismo, também ele sem paralelos a nível nacional. Mas, tanto para o caso do Fluviário, como para o do Núcleo Regional de Megalitismo, Mora tinha muito trabalho realizado,

cientificamente alicerçado e apresentava condições naturais e patrimoniais muito bem preservadas.

Recuando no tempo, devemos salientar que este concelho possui das mais antigas referências conhecidas em Portugal, de monumentos megalíticos, devido ao conjunto de Pavia, nomeadamente a Anta Capela de Pavia, referida pelo menos desde 1625 (SEVERIM DE FARIA, 1740; VASCONCELOS, 1910, 1914; OLIVEIRA *et al.*, 1997; ALVIM, 2012; ROCHA, 1999a, 1999b, 1999c, 2014b, 2015). Depois de um hiato de alguns séculos em que pouca investigação arqueológica se realizou a nível nacional, o final do séc. XIX e primeiras décadas do séc. XX vêm alterar substancialmente este panorama de estagnação, muito devido ao aparecimento de um grande museu de arqueologia em Portugal: o Museu Etnológico Português.

A criação deste museu insere-se num movimento nacional, que se desenvolve particularmente na segunda metade do séc. XIX, e que se caracteriza por remodelar e/ou criar novos paradigmas na museologia nacional, sobretudo a nível do património natural e construído, que se traduz na criação de novos museus nacionais, como o Museu dos Coches, o Museu Nacional de Belas Artes, entre outros, cuja vocação seriam “a investigação e o ensino são assumidos como prioritários por alguns desses estabelecimentos, muito particularmente os de estatuto universitário ou que se encontram na dependência de outros estabelecimentos de ensino superior” (Gouveia, 1992:198); a par destes museus nacionais foi também criada uma rede de outros pequenos museus, a nível regional.

Em 1893, é criado o Museu Etnográfico Português cuja designação passa, a partir de 1897, para Museu Etnológico Português. Com a criação deste grande museu que deveria englobar, segundo o seu fundador, José Leite de Vasconcellos, três grandes áreas ligadas à história da humanidade, a Antropologia, a Arqueologia e a Etnografia torna-se necessário criar (rapidamente) coleções de referência que ilustrassem e representassem estas três áreas, a nível nacional. É baseado nesta premissa que Leite de Vasconcellos organiza uma rede de contactos a nível nacional que lhe permitiam recolher/adquirir espólios de todos os tipos para o museu e incentiva a realização de trabalhos arqueológicos (alguns dos quais dirigidos pelos funcionários do próprio museu).

É neste contexto que no início do século XX, Leite de Vasconcelos, Nery Delgado e Carlos Ribeiro desenvolveram alguns trabalhos no Alentejo, em torno do megalitismo funerário que foram parcialmente publicados na revista criada pelo Museu Etnológico, o *Archeólogo Português*, como os da Anta Capela de Pavia.

Na prática e sobretudo na região Alentejo, a maior parte das intervenções arqueológicas realizadas até à 2ª metade do século XX decorrem ou sobre a direção direta de investigadores do Museu Etnológico Português, ou então com o seu apoio.

Os primeiros trabalhos sistemáticos de inventariação e escavação no concelho de Mora, inserem-se nesta categoria e iniciam-se em 1914, com Vergílio Correia, então Conservador desse museu. Durante quatro anos (1914-1918) este investigador identifica e intervenciona um conjunto significativo de sítios arqueológicos desde monumentos megalíticos funerários (71), a povoados (2) e «santuários» (2). (CORREIA, 1921; ROCHA, 1999a). Des-tes trabalhos V. Correia realiza uma publicação em 1921, em Espanha, “El Neolítico de Pavia” (CORREIA, 1921) onde publica, ainda que parcialmente, os resultados obtidos.

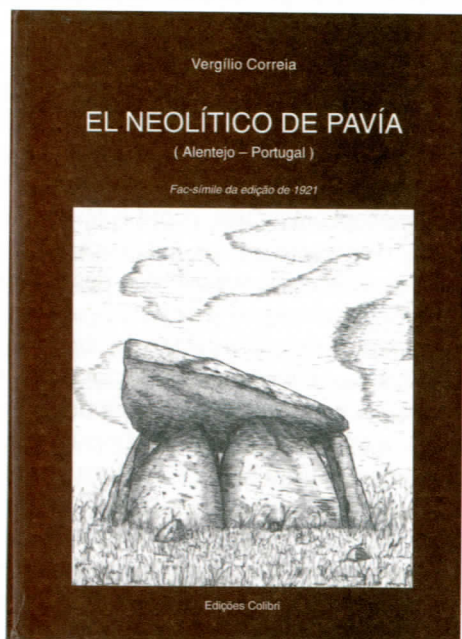


Fig. 1: Primeira monografia publicada sobre o megalitismo do concelho.

Cerca de 20 anos depois, outro funcionário (e diretor) do Museu Etnológico, Manuel Heleno, realiza nova investigação sobre o megalitismo alentejano a qual abarca, o outro grande núcleo de monumentos megalíticos deste concelho que se localiza na freguesia de Brotas. Entre 1934 e 1938 intervenciona cerca de 40 sítios, onde se incluem monumentos megalíticos funerários (38) e povoados (2). (ROCHA, 2005, 2009/2010).

Ao contrário de V. Correia, os trabalhos de M. Heleno nunca chegaram a ser publicados à época e só já nos inícios do séc. XXI se veio a realizar um trabalho de recuperação dos seus dados (ROCHA, 2005).

Nos anos 50 do século XX (1952-1953), uma outra investigadora ligada a Manuel Heleno e ao Museu, realiza escavações em algumas antas na fregue-

sia de Pavia e de Mora, subsidiada pelo Instituto da Alta Cultura. Estes trabalhos foram publicados em 1956, no *Arqueólogo Português* (MOITA, 1956).

Dos trabalhos realizados por V. Correia, M. Heleno e Irisalva Moita no Alentejo, resultaram centenas de contentores, com milhares de peças, em diferentes estados de conservação e de interesse museológico, que se encontram depositados nas reservas do atual Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa.

Na década de 70, do século XX, a equipa dos Serviços Geológicos realizou trabalhos de campo na região, com vista à elaboração da Carta Geológica e identificou/registou alguns monumentos megalíticos não funerários que, apesar da sua relativa abundância, nunca foram registados pelos investigadores anteriormente referidos (ZBYSZEWSKI *et al.*, 1977). Aparentemente não realizaram qualquer intervenção arqueológica.

A partir da última década do séc. XX uma das signatárias (LR) inicia um projeto de investigação sobre o megalitismo de Pavia que se veio a estender a todo o concelho e, atualmente abarca o estudo integrado das Primeiras Sociedades Camponesas, no Alentejo.

Destes sucessivos projetos realizados na área de Mora resultou não só a identificação de um número considerável de novos sítios arqueológicos (antas, menires, povoados) que permitiu dar a Mora um lugar de destaque em termos do megalitismo regional, colocando-a a par de outras áreas consideradas anteriormente “mais nobres” (CALADO, 1995, 2004; GONÇALVES, 1992, LEISNER e LEISNER, 1956, 1959), como também estabeleceu as bases para se entrar numa nova fase: oportunidade de se poder vir a criar um espaço museológico, dedicado ao megalitismo, que dignificasse este concelho e esta região, com base na investigação realizada e nos milhares de peças arqueológicas recolhidas (ALVIM & ROCHA, 2012; CALADO & ROCHA, 2008; CALADO *et al.*, 2007, 2009, 2012; DUARTE *et al.*, 2003; ROCHA, 2000a, 2000b, 2001, 2003a, 2003b, 2012a, 2012b, 2013b, 2014a, 2014c, 2014e, 2016a, 2016b; ROCHA & ALVIM, 2011, 2012, 2015; ROCHA & CALADO, 1996, 2006; ROCHA & DUARTE, 2009; ROCHA & MATALOTO, 2012; ROCHA *et al.* 2005, 2009, 2011).

Estavam assim criadas as bases para se passar à fase seguinte, a criação de um Museu.



Fig. 2: Bases para a construção de um museu de arqueologia

3. Da ideia à concretização: percursos para a criação de um museu

O conjunto de informação compilada ao longo do último século, permitiu assim ir alicerçando informação e, sobretudo, iniciar o planeamento da sua gestão turística, quer através da sua recuperação e musealização de sítios, quer através da realização de pequenas exposições temporárias uma vez que, como se referiu anteriormente, a esmagadora maioria dos materiais foram recolhidos em escavações antigas e encontra-se depositada em Lisboa, no atual Museu Nacional de Arqueologia.

Ao comemorar os 100 anos do início da investigação arqueológica no concelho (1914-2014) a autarquia de Mora assume um novo projeto, que traduzem antigas aspirações de uma parte significativa da população (sobretudo da freguesia de Pavia) e se traduz num exemplo de boa gestão do património fruto, como se viu anteriormente, de um longo investimento: a criação de um Museu de Megalitismo.

A área do museu apresenta um design moderno, criada pelos arquitetos do atelier CVDB Arquitetos Associados, com um modelado de madeiras que visa representar as curvas de nível do território (Fig. 3).

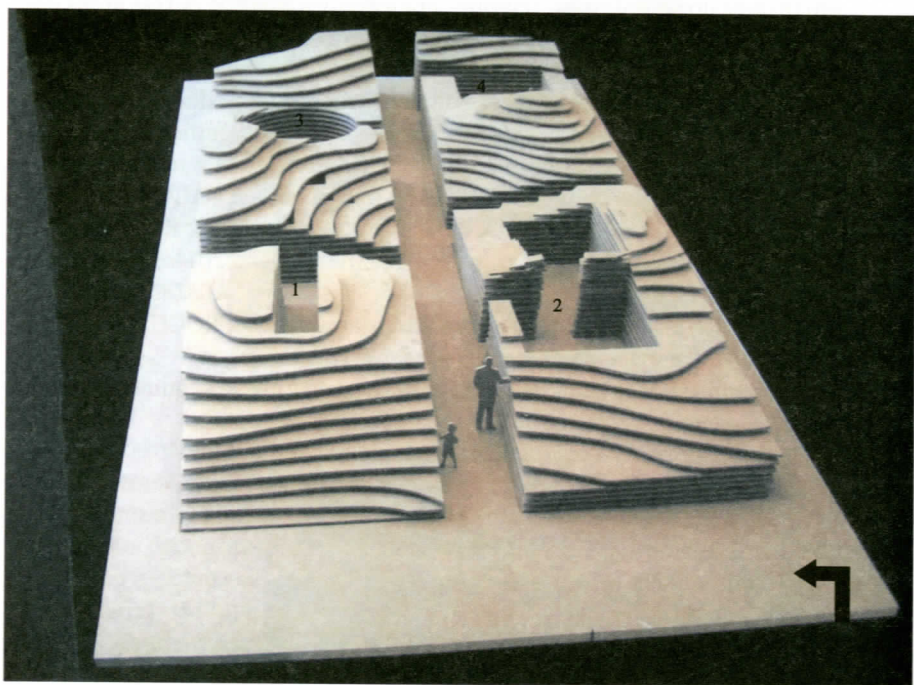


Fig. 3. Vista geral do projeto na 1ª Fase (CVDB Arquitetos Associados). 1: Espaço contextualização da região; 2: Espaço vida; 3: Espaço Morte; 4: Espaço Contemplação. A seta indica o acesso ao espaço.

Embutidos neste ondulado encontram-se definidos três espaços principais que representam a vida e a morte destas primeiras sociedades camponesas construtoras de monumentos megalíticos (c. 6000-3000 a.C.) para além de outras áreas; Fig. 3 - nº 1: apresenta uma visão geral do espaço através de um mapa maquete; Fig. 3 - nº 2: espaço Vida, com a exposição de espólios provenientes de dois povoados do concelho e duas vitrines interativas que permitem ao público compreender melhor os espólios e os sítios; Fig. 3 - nº 3: espaço Morte integra dois núcleos, um com a exposição de espólios de monumentos megalíticos funerários do concelho e, outro,

com uma representação, à escala, de um homem do período neolítico; Fig. 3 - nº 4: o espaço Contemplação é, também ele, uma área com dupla função pois, por um lado, permite aceder ao topo da estrutura e visualizar todo o conjunto e, por outro, possui uma área interativa, com um mapa do Alentejo, que permite ao visitante posicionar-se em cima de áreas e saber mais sobre um conjunto selecionado de monumentos.

Este primeiro modelo (Fig. 3) acabou por, numa segunda fase, ser alterado de modo a integrar mais informação, nomeadamente maquetes e vitrines interativas, ficando na fase final mais recortado, e com mais núcleos interativos e/ou expositivos do que os apresentados na figura 3.

As coleções arqueológicas expostas representam parte do que seria a vida e a morte das populações neolíticas que habitavam o Alentejo, razão pela qual se encontram materiais provenientes de vários concelhos da região, do interior até ao litoral (Mora, Alter do Chão e Sesimbra) cedidos temporariamente por diferentes instituições, como o Museu Nacional de Arqueologia (materiais do concelho de Mora), Câmara Municipal de Sesimbra (grutas naturais) e Direção Regional de Cultura do Alentejo/ Direção Geral de Veterinária (espólio da Coudelaria de Alter do Chão), para além de materiais provenientes de escavações recentes que se encontram à guarda da autarquia de Mora.

Para além da exposição de espólios, o museu conta ainda com maquetes que reconstituem as três componentes anteriormente referidas (Fig. 4).

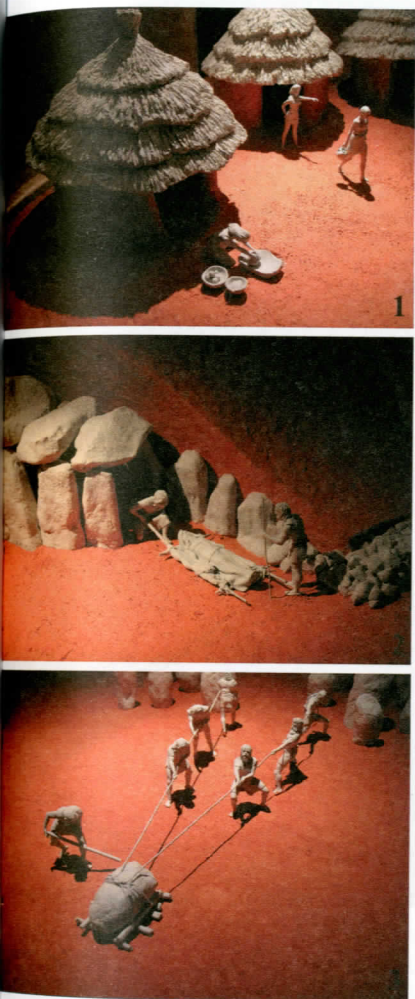


Fig.4. Maquetes representativas da vida (1), da morte (2) e do sagrado (3)

4. A vivência do espaço

Um Museu deve ser, a nosso ver, um espaço com múltiplas finalidades (científico, pedagógico, lúdico, social...) e servir todos os tipos de públicos. No entanto, entre os critérios e/ou ideias que estão subjacentes à sua concepção, o resultado final e a aceitação por parte do público existem, por vezes, muitas discrepâncias... na realidade, apenas o tempo poderá dar resposta à questão: valeu a pena? Agrada a todos?



Fig5. Vista geral do espaço museológico

Em termos gerais, decorrido menos de um ano sobre a sua inauguração, consideramos que os resultados são positivos uma vez que os visitantes notam, primeiramente, que é uma forma distinta de expor conteúdos científicos.

4.1. Vivências na Sala de Exposições

A Animação em 3D com que o visitante se depara à entrada da sala de Exposições exhibe o que seria a vida no povoado de Fontainhas há cerca de 5000 anos a.C., seguindo uma criança, o Pedritas, que passa por vários adultos que praticam algumas das diversas atividades que se exerciam na altura.

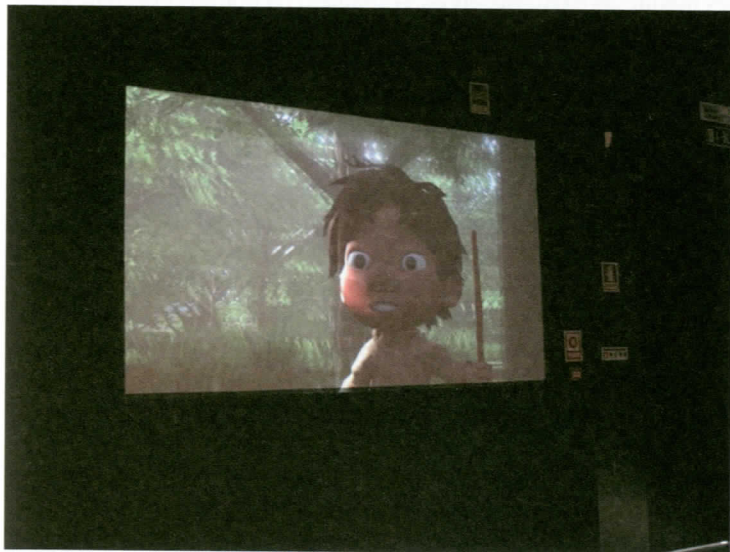


Fig6. Pormenor do filme 3D

Por norma as famílias no momento de espera pelo início do filme gostam de referir os filmes que já viram em 3D, normalmente escassos por considerarem os preços praticados no cinema relativamente mais caros, mas também referem, por vezes, outros museus onde existem este tipo de filmes, como por exemplo na Casa das Pedras Parideiras, em Arouca. Aproveitam ainda para tirar uma selfie com os óculos colocados. Aqui os visitantes, por existirem momentos cómicos durante o filme, simpatizam com o personagem Pedritas. Na metade final deste filme são explicadas as atividades que se poderiam desenvolver em povoados com estas cronologias mas de uma forma mais lúdica (animada).

As opiniões acerca do filme podem ser divididas em dois grupos, a esmagadora grande maioria gosta e diverte-se com a animação, outros (uma minoria), sugere que é demasiado infantil e que o conteúdo é demasiado simplificado considerando que se deveria utilizar uma linguagem mais técnico/científica. Na realidade, em todo o museu procurou-se utilizar uma linguagem simples e acessível ao público em geral uma vez que, por norma, os museus têm tendência para apresentarem conteúdos informativos com

uma linguagem demasiado técnico-científica que não é assimilada pela maior parte dos visitantes.

A estrutura que envolve a exposição (Fig. 5) é sempre uma surpresa para os visitantes sobretudo quando se deparam com o contraste desta com o ambiente escuro da sala; é aqui, à entrada da sala de Exposições, que notamos mais as reações dos adultos, em que muitos deles questionam logo a sua conceção – por norma essa explicação é dada no final do filme.

As várias maquetas existentes (Fig. 4) auxiliam na compreensão de como seria a vida e a morte destas sociedades. Um dado surpreendente é o de percebermos que muitas pessoas ainda pensam que as antas sempre tiveram o aspeto que lhe vemos atualmente (apenas a estrutura esquelética com os esteios) e que eram locais de habitação e não sepulcros para os mortos. Nestas maquetas, como também existem figurinos, tomam consciência de como se realizavam os enterramentos, como se construía os cromeleques ou que atividades existiam dentro e fora de um povoado fortificado (onde alguns indivíduos estão a produzir peças cerâmicas, a tecer, a iniciar as colheitas, ou animais domésticos estão guardados entre cercas), indicando a existência da pastorícia e da agricultura.

A informação que fornecemos, quando a visita é livre, é breve; nestes casos é interessante observar como os adultos tentam explicar o que está se a passar nas maquetas às crianças e qual a razão da sua existência. As crianças tentam sempre deslocar algumas das figuras.

Nos módulos da Vida e na Morte existem um total de quatro mesas/vitrines interativas que os visitantes podem explorar, procurando as peças que estão dentro. As crianças imediatamente apercebem-se de como funcionam e tentam descobrir tudo, os adultos por serem painéis tácteis, em alguns casos, hesitam. Cada uma das peças arqueológicas existentes no interior destas mesas possui uma descrição, fotografias de pormenor e uma explicação sobre a atividade a que esta peça arqueológica está implícita. Como requer que procurem as peças torna-se um espaço bastante dinâmico e acaba por despertar curiosidade e procura de outras, no Museu.

A primeira mesa interactiva encontra-se no Espaço Vida e os visitantes descobrem as atividades que existiam na altura. No mesmo módulo, associado ao povoado do Castelo de Pavia, podem-se identificar algumas das peças descobertas por Vergílio Correia, em que a própria mesa começa por mostrar o povoado como se encontra atualmente, com escassos vestígios da sua fortificação original visíveis; ao tocar no ecrã, assiste-se a um retrocesso no tempo para se ficar com uma reconstituição virtual do que poderia ser este espaço.

No Espaço Morte existem outras duas mesas, uma com a representação de uma pequena sepultura megalítica e outra de uma gruta. Relativamente à Anta, na mesa interativa os visitantes podem descobrir, como se estivessem a escavar, que tipo de materiais acompanhavam os enterramentos. Na da Gruta, o toque no ecrã permite a apresentação de uma animação e, poste-

riormente, a descoberta dos materiais arqueológicos que se podem encontrar neste tipo de espaços – atualmente encontram-se em exposição os da Lapa do Bugio, em Sesimbra.

Ainda no Espaço Morte existe a representação de uma figura humana, em tamanho natural, vestido com trajes pré-históricos que provoca, quase sempre, susto e ao mesmo tempo curiosidade pois os visitantes não esperam este encontro; alguns dos visitantes referem isso mesmo no final da visita e sugerem, a modo de piada, que deveria existir sinalética à entrada deste espaço a avisar a sua existência.

No Espaço Contemplação os visitantes gostam bastante de interagir com o mapa existente que, a partir da escolha de alguns sítios no mapa posicionado no pavimento abre a interatividade, com a passagem de filmes, fotografias e informação sobre um conjunto de sítios arqueológicos selecionados da região Alentejo (entre o interior e o litoral) das grutas, às antas, menires e cromleques. Em visitas guiadas, é sobretudo pela curiosidade de como funciona o mapa que leva as crianças a quererem usar e selecionar os locais.

O Espaço Contemplação permite, por último, uma visualização geral de todo o espaço museológico. É aqui que os visitantes se apercebem das formas existentes, onde notam que a estrutura está dividida de acordo com a arquitetura dos espaços/ sítios, como a forma circular da câmara de uma anta, no Espaço Morte. É por isso que sobretudo no final da visita e neste local, ao contemplarem a imagem total, que os visitantes se apercebem realmente do modelado do terreno, com as curvas de nível representadas através do modelado da madeira (Fig. 5).

4.2. Vivências na Sala de Atividades

A Sala de Atividades é um dos espaços recuperados da antiga estação ferroviária destinado aos mais novos. As atividades existentes nesta sala integram sobretudo jogos interativos, como é o caso do bowling em que derrubam menires com uma bola, em pedra, fazendo a delícia dos visitantes de todas as idades – nesta os adultos até fazem torneios e durante o intervalo, enquanto esperam pela sua vez, também pintam desenhos acerca da vida do Pedritas.

Existem também quatro mesas de jogos nesta sala, três das quais têm questões relacionadas com os conteúdos existentes no Museu e, a outra, um jogo de memória para descobrir pares de imagens. Os visitantes gostam de testar todas rodando entre si.

Outros dos equipamentos existentes permite a projeção no pavimento de diferentes tipos de jogos (Fig. 7) que geram muita curiosidade nos mais novos (e não só...).



Fig.7. Pormenor de um dos jogos interativos projetado no pavimento

Decorrem ainda, ocasionalmente, nesta sala, exposições temporárias e palestras. Na primeira exposição tivemos o prazer de apresentar alguns dos quadros elaborados por Maria de Fátima Silva, onde engloba na sua temática Atlantis, o conceito do megalitismo. Em termos de palestras/conferências, destacamos a realizada pelo Inspetor Óscar Pinto, da Polícia Judiciária, e uma das signatárias (LR) que abordaram a questão da proveniência (legal ou ilegal) dos espólios arqueológicos.

O programa pedagógico recentemente criado permite também realizar outro tipo de atividades com as crianças, como o trabalho com argila (criando algumas peças semelhantes às exibidas no Museu), a pintura (recriando as técnicas usadas em grutas), ou mesmo praticar o talhe de pedra. Recentemente adquirimos uma caixa de areia cuja finalidade é incentivar a aprendizagem da metodologia do trabalho de campo em arqueologia, escavação e desenho. Apesar desta atividade *Quero ser um Arqueólogo*, necessitar de marcação, por norma permitimos que acedam à caixa de areia em qualquer altura, sendo que é uma das atividades onde as crianças vão imediatamente quando saem da sala de exposições - gostam sobretudo de descobrir a réplica de crânio e as pontas de seta aí enterradas.

Enquanto muitas destas atividades decorrem temos a oportunidade de surpreender os visitantes com a mascote, o Pedritas, onde ele interage com os miúdos e graúdos, aproveitando, os visitantes, para lhe tirarem fotografias (Fig.8).



Fig.8. A Mascote Pedritas, com um grupo de visitantes

5. Opiniões

No museu incentivamos o visitante, se assim desejar, a deixar a sua opinião através de um breve questionário (anónimo) que existe na receção. Destacamos aqui algumas das observações/sugestões registadas:

“Muito original e cativo!”

“Conceito muito atraente e surpreendente. Adorei a visita!”

“Adorei. É um Museu dos Museus mais giros que já vi pois aprende-se mas não é aborrecido, é bastante interativo parabéns!”

“Fazer a mascote do boneco para venda.”

Recentemente atendemos à última sugestão dada, criando em formato de peluche o Pedritas e será colocado para venda, brevemente (Fig. 8).

De forma geral as opiniões são sempre positivas e indicam que a reação ao museu é de admiração/surpresa. Devido à quantidade de núcleos museológicos e museus existentes em Portugal, que incorporam unicamente explicações descritivas do material exposto, a opinião acerca deste museu é muito importante. Mas, tentamos continuamente melhorar, atendendo às opiniões que nos vão deixando, integrando quer no próprio museu novas atividades, ou através das nossas aplicações online, página de internet <http://www.museumegalitismomora.pt/>, ou a do facebook www.facebook.com/museumegalitismo.

6. Bibliografia

- ALVIM, Pedro – Fui lá visitar um pastor: S. Dinis, a anta – capela de Pavia. *O tempo das Pedras. Carta Arqueológica de Mora*. Mora: Câmara Municipal de Mora, 2012. p. 114-115.
- ALVIM, Pedro; ROCHA, Leonor – Os menires do Alto da Cruz: novos dados e algumas reflexões sobre o Megalitismo da área de Brotas (Mora). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. Vol.14 (2011). p. 41-55.
- CALADO, M.; ROCHA, L. – Sources of monumentality: standing stones in context (Fontainhas, Alentejo Central, Portugal). BAR S1857. Early Neolithic in Iberian Peninsula Regional and transregional components / Le Néolithique ancien dans la Péninsule Ibérique. Les éléments régionaux et transrégionaux. In DINIS, M. (ed.) – *Proceedings of the XV UISPP World Congress (Lisbon, 4-9 September 2006) / Actes du XV Congrès Mondial (Lisbonne, 4-9 Septembre 2006)*. Vol. 18 (2008a), Session C44., p. 61-70.
- CALADO, Manuel; ROCHA, Leonor; ALVIM, Pedro – *O tempo das Pedras. Carta Arqueológica de Mora*. Mora: Câmara Municipal de Mora, 2009.
- CALADO, Manuel; ROCHA, Leonor; ALVIM, Pedro – Neolitização e Megalitismo: o recinto megalítico das Fontainhas (Mora, Alentejo Central). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. Vol. 10, nº 2 (2007), p. 75-100.
- CORREIA, Vergílio – Crónica. Excursões arqueológicas ao Alentejo. *O Archeologo Português*. Lisboa. 1ª série, vol. XIX (1914), p. 191.
- CORREIA, Vergílio – El Neolítico de Pavia. *Memoria*. Madrid. 27 (1921).
- DUARTE, Cidália; ROCHA, Leonor; PINHEIRO, Vanda – A necrópole da 1ª Idade do Ferro do Monte da Têra (Pavia). In MATEUS, José Eduardo, MORENO-GARCÍA, Marta, eds. – *Paleoecologia Humana e Arqueociências: um Programa Multidisciplinar para a Arqueologia sob a Tutela da Cultura*. «Trabalhos de Arqueologia». Lisboa. 29 (2003), p. 269-270.
- GOUVEIA, Henrique Coutinho – O museu etnológico português (1893-1914). Um projecto nacional e uma tentativa de conjugação disciplinar. *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*. Lisboa. 1992, p. 167-209
- LEISNER, Georg; LEISNER, Vera – *Die Megalithgraber der Iberischen Halbinsel: Der Westen*. Berlin: Walter de Gruyter, 1959. II: 2.
- MOITA, Irisalva (1956) – Subsídios para o estudo do Neolítico do Alto Alentejo. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Nova série, vol. III (1956), p. 135-176.
- OLIVEIRA, Jorge; SARANTOPOULOS, Panagiotis; BALESTEROS, Carmen – *Antas-Capelas e Capelas junto a antas no território português*. Lisboa, 1997.
- ROCHA, Leonor – Os menires de Pavia, Mora (Portugal). *Actas do II Congreso Peninsular de Arqueologia*. Zamora. Tomo II (1997), p. 221-228.
- ROCHA, Leonor – *Povoamento Megalítico de Pavia. Contributo para o conhecimento da Pré-história Regional*. Setúbal: C. M. Mora, 1999a.
- ROCHA, Leonor – Aspectos do Megalitismo da área de Pavia, Mora (Portugal). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. Vol. 2, nº 1 (1999b), p. 71-94.
- ROCHA, Leonor – O megalitismo funerário da área de Pavia, Mora (Portugal). Estado actual da investigação. In *II Congrès del Neolític a la Península Ibérica*. Valencia, 1999c. p. 604-622.

- ROCHA, Leonor – O Alinhamento do Monte da Têra, Pavia (Mora): resultados da 1ª campanha (1996). In *Muitas antas, pouca gente? - Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. «Trabalhos de Arqueologia». Lisboa. 16 (2000a), p. 183-194.
- ROCHA, Leonor – O monumento megalítico da Idade do Ferro do Monte da Tera – Pavia (Portugal). In *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*. Porto: ADECAP, 2000b. Vol. III: «Neolitização e Megalitismo da Península Ibérica», p. 521-527.
- ROCHA, Leonor – Povoamento Pré-histórico da área de Pavia. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. Vol. 4, nº 1 (2001), p. 17-43.
- ROCHA, Leonor – O monumento megalítico do Monte da Têra (Pavia, Mora), Sector 2: resultados das últimas escavações. In *Muita gente, poucas antas? Origens, Espaços e contextos do Megalitismo - Actas do II Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. «Trabalhos de Arqueologia». Lisboa. 25 (2003a), p. 339 -350.
- ROCHA, Leonor (2003b) – O monumento megalítico da I Idade do Ferro do Monte da Têra (Pavia, Mora). Sectores 1 e 2. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. Vol. 6, nº 1 (2003b), p. 121-129.
- ROCHA, Leonor – *As origens do megalitismo funerário no Alentejo Central: a contribuição de Manuel Heleno* [texto policopiado]. Lisboa: [s.n.], 2005. Tese de doutoramento.
- ROCHA, Leonor – *As origens do megalitismo funerário alentejano. Revisitando Manuel Heleno*. Promontoria. Universidade do Algarve. 2009/2010.
- ROCHA, Leonor – História da Investigação Arqueológica. *O tempo das Pedras. Carta Arqueológica de Mora*. Mora: Câmara Municipal de Mora, 2012a.
- ROCHA, Leonor – Metodologia. *O tempo das Pedras. Carta Arqueológica de Mora*. Mora: Câmara Municipal de Mora, 2012b.
- ROCHA, Leonor – Anta do Monte das Figueiras. *O tempo das Pedras. Carta Arqueológica de Mora*. Mora: Câmara Municipal de Mora, 2012c.
- ROCHA, Leonor – The contribution of Manuel Heleno to the knowledge of the funerary Megalithic in Alentejo. In CRUZ, Ana; CERRILLO-CUENCA, Enrique (eds.) – *Rendering Death: Ideological and Archaeological Narratives from Recent Prehistory (Iberia)*. BAR International Series 2648, 2014a, p. 13-22.
- ROCHA, Leonor – A Anta Capela de Pavia (Pavia, Mora). *Relatório Técnico- Científico Final*. Acessível nos Arquivos da DGPC, Lisboa, 2014b.
- ROCHA, Leonor – Torre das Águias. Monumento Nacional em risco. *Boletim Municipal de Mora*. Mora. Nº 99 (2014c), p.6
- ROCHA, Leonor – Anta - Capela de Pavia: O maior monumento funerário do concelho e um dos maiores da Península Ibérica. *Boletim Municipal de Mora*. Mora. Nº 100 (2014d), p.6
- ROCHA, Leonor – 1914 - 2014: Cem anos de investigação arqueológica em Mora. *Boletim Municipal de Mora*. Mora. Nº 101 (2014e), p.6
- ROCHA, Leonor – A Anta-Capela de Pavia (Mora): novos dados sobre o megalitismo desta área. In MEDINA ROSALES, N. (ed.) – *VII Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*. Ayuntamiento de Aroche, 2015. p. 235-250.
- ROCHA, Leonor – Percorrendo antigos [e recentes] trilhos do Megalitismo Alentejano. Terra e Água. Escolher Sementes, invocar a Deusa. In SOUSA, Ana Catarina; CARVA-

- LHO, António; VIEGAS, Catarina (eds.) – Estudos em Homenagem a Victor S. Gonçalves. *Estudos & Memórias*. Lisboa. 8 (2016a), p. 167-177.
- ROCHA, Leonor – O Neolítico no Alentejo: novas reflexões. *Monografias AAP*. 2. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 2016b. p. 109-118.
- ROCHA, Leonor; ALVIM, Pedro – Novas e velhas análises da arquitectura megalítica funerária: o caso da Mamoa do Monte dos Condes (Pavia, Mora). *Estudos & Memórias*. Lisboa. 8 (2015), p. 557-563.
- ROCHA, Leonor; ALVIM, Pedro – *Mamoa do Monte dos Condes (Pavia, Mora)*. Relatório Final/10. Acessível nos Arquivos do IGESPAR, Lisboa, 2011.
- ROCHA, Leonor; ALVIM, Pedro – *Águias 2 (Brotas, Mora)*. Relatório Final. Acessível nos Arquivos do IGESPAR, Lisboa, 2012.
- ROCHA, Leonor; ALVIM, Pedro; CALADO, Manuel – Catálogo. *O tempo das Pedras. Carta Arqueológica de Mora*. Mora, 2009. p. 66.
- ROCHA, Leonor; CALADO, Manuel (1996) – Neolitização do Alentejo Interior: Os casos de Pavia e Évora. In *Rubricatum*. I Congrès del Neolític a la Península Ibèrica. Gavà-Bellaterra. Vol. 2 (1996), p. 673-682.
- ROCHA, Leonor; CALADO, Manuel – *Megalitismo de Mora: nas fronteiras do Alentejo Central*. Lisboa: Apenas Livros, Lda, 2006.
- ROCHA, Leonor; CALADO, Manuel, ALVIM, Pedro – Carta Arqueológica de Mora. In ALMEIDA, Maria José; CARVALHO, António (eds) – Encontro Arqueologia e Autarquias. Cascais: C.M. Cascais, 2011. p.155-164.
- ROCHA, Leonor; DUARTE, Cidália; PINHEIRO, Vanda – A necrópole da 1ª Idade do Ferro do Monte da Têra, Pavia (Portugal): dados das últimas intervenções. In *Actas do III Simpósio Internacional de Arqueologia de Mérida: Protohistoria del Mediterráneo Occidental*. Mérida: CSIC/ Junta de Extremadura/Consortio de Mérida. 1 (2005), p. 605-614.
- ROCHA, Leonor; DUARTE, Cidália – Megalitismo funerário no Alentejo Central: os dados antropológicos das escavações de Manuel Heleno. In POLO CERDÁ, Manuel; García-Prósper, E. (eds.) – *Investigaciones histórico-médicas sobre salud y enfermedad en el pasado*. *Actas del IX Congreso Nacional de Paleopatología*. Valencia: Grupo Paleolab & Sociedad Española de Paleopatología, 2009. p. 763-781.
- ROCHA, Leonor; MATALOTO, Rui – O conjunto megalítico do Monte da Têra. *O tempo das Pedras. Carta Arqueológica de Mora*. Mora: Câmara Municipal de Mora, 2012.
- SEVERIM DE FARIA, Manuel – *Notícias de Portugal escritas por Manoel Severim de Faria*. Lisboa, 1740.
- VASCONCELOS, José Leite de – *Analecta archeológica*. 1. Dolmen transformado em capella. *O Archeologo Português*. Lisboa. 1ª série, vol. XV (1910), p. 321-322.
- VASCONCELOS, José Leite de – Anta de Pavia. *O Archeologo Português*. Lisboa. 1ª série, vol. XIX (1914), p. 376-377.
- ZBYSZEWSKI, G; FERREIRA, O. V; SOUSA, H. R; NORTH, C. T. (1977) - Nouvelles Découvertes de Cromlechs et de Menhirs au Portugal. *Comunicações Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. Vol. LXI (1977), p. 63-73.